A LINGUAGEM PARA BENVENISTE E O ENSINO DE LÍNGUAS

Rômulo da Silva Vargas Rodrigues
(Faculdade de Letras - UFG)

INTRODUÇÃO

Este é um artigo da pesquisa de doutorado cujo objeto é a historiografia linguística da obra de Émile Benveniste em linguística geral, a saber, os dois volumes de *Problemas de linguística geral*. A obra do grande linguista siro-francês instiga a refletir sobre o ensino de línguas, seu alcance, necessidade e objeto, inclusive, o ensino de língua materna no Brasil. Este artigo procura fazer um pouco dessa reflexão sob as luzes da teoria benvenistiana.

A concepção de linguagem apresentada por Benveniste, muito embora partindo da concepção saussuriana, é bem mais complexa e abrangente que aquela. Benveniste inclui a língua na sua concepção de linguagem, isso enquanto, por outro lado, exclui toda possibilidade não verbal de interação humana. A linguagem, segundo esse estudioso, seria a própria operação da língua no discurso e, portanto, a capacidade humana de articular o pensamento, refletir o universo, constituir os discursos. Essa concepção é bastante mais complexa, como se disse, e implica na própria condição de ser humano.

Por sua postura cientificista, Benveniste, como outros precursores de seu pensamento, condena o classicismo presente no pensamento sobre linguagem. Com classicismo, refere-se aos valores helênicos, difundidos pela cultura clássica para todo o ocidente, tendo origem na Grécia antiga e difundido pelo Império Romano, fez surgir no Ocidente uma série de valores copiados aos gregos. Em Aristóteles (2010) é possível verificar muitos desses valores. Na Poética, por exemplo, o sábio antigo falava da gramática, conceituando-a como “a arte do bem falar”, mas não parou por aí, também afirmou que quem falou bem foram os autores clássicos gregos. Muitos trabalhos se debruçaram sobre essa questão ao longo dos séculos. E quase todas as descrições de línguas até finais do século XIX se baseavam na “boa literatura” para descrever a língua. Com o surgimento da linguística comparativa no século XIX, muitos

autores começam a ensaiar descrições não baseadas no pensamento clássico sintetizado por Aristóteles. Sobretudo em relação ao ensino de língua materna no Brasil, o problema ontológico do pensamento clássico ainda assombra a grande maioria dos estudantes e mesmo de gente já estudada. Essa questão permeia a problemática da concepção de linguagem e o ensino de línguas.

Objetivo

Ao abordar o conceito de linguagem encontrado em Benveniste, refletindo esse conceito no ensino de línguas, é possível observar alguns caminhos possíveis de se trilhar nessa tarefa, o ensino, evitando o fracasso de alguns modelos ainda vigentes neste país.

Metodologia

A *Historiografia Linguística* é um ramo relativamente novo da pesquisa linguística. Chegou ao Brasil com o nome de *História das Ideias Linguísticas*, o que, embora descreva certo aspecto da atividade, permite que se confunda com a *História da Linguística*, que se encarrega da narrativa do desenvolvimento do conhecimento linguístico *lato sensu*. A Historiografia Linguística consiste na síntese dos conceitos linguísticos a partir da verificação das obras de autores fundamentais do pensamento sobre a linguagem e na classificação dos métodos empregados pelos pesquisadores.

A Historiografia Linguística se encontra distante de possuir um esquema de conduta científica estabelecido, o que, evidentemente, ocasiona certos problemas metodológicos e epistemológicos que ainda dificultam o olhar perspicaz dos pesquisadores, por isso, poder-se-ia dizer que a historiografia linguística é uma ciência em construção. Em "*Questões que persistem em historiografia linguística"*, de Koërner (1996), o autor seleciona tópicos para exemplificar a complexidade das questões que o historiógrafo deve considerar em suas pesquisas. Um tópico selecionado por Koërner remete à questão da metalinguagem, já que esta é imprescindível aos olhos do escritor que se debruça sobre teorias linguísticas do passado com a tentativa de não as distorcer e tornando-as acessíveis ao leitor do presente. Koërner (1996) diz que há solução para os possíveis abusos linguísticos e que os

historiógrafos linguistas podem usar como base princípios inerentes à metalinguagem. Sejam estes princípios de contextualização, de imanência, de adequação e da influência. Antes de contextualizar a origem de um monumento linguístico é imprescindível descrevê-lo em termos de estrutura, ou seja, suas partes constituintes. Para isso, a produção do monumento deve ser minuciosamente estudada, com o objetivo de abstrair os conceitos que compõe a obra em função de se elaborar um estudo historiográfico linguístico.

Este artigo se ocupa de um conceito fundamental da obra de Benveniste, o conceito de linguagem, que por si implica os conceitos de língua, signo e discurso abordados a seguir.

Resultados e Discussão

Linguagem é, provavelmente, o mais citado por Benveniste dos objetos das ciências da linguagem. Sua conceituação, contudo, consiste em abstrair o significado de linguagem tecnicamente utilizado pelo linguista, verificando sua semântica a cada ocorrência. Acontece que "linguagem" é o princípio de toda essa história. O que hoje pode ser nomeado "*Ciências da Linguagem*" trata-se de um conjunto amplo de pesquisas em uma infinidade de áreas distintas, aspectos distintos, metodologias, escolas e vertentes diferentes. Evidentemente, não poderia deixar de existir uma grande quantidade de conflitos conceituais, epistemológicos, metodológicos e humanos nessa vastidão de saberes e de ciências. Conceituar linguagem implica, inevitavelmente, conceituar "ciências da linguagem", dizer os limites desse aparelhamento científico que, ao longo do século passado fez o ser humano ser conhecido pelo ser humano.

Para Benveniste, a linguagem restringe-se ao uso da língua, isto é, não há linguagem, no sentido dado por ele, se não houver o emprego da língua, na composição da peça comunicativa. A palavra língua em Benveniste é usada, a princípio, no sentido saussuriano, de sistema capaz de gerar significado. Diferentemente de Saussure, o emprego da palavra "linguagem" para se referir a aspectos não verbais, ou textos não verbais, constitui um equívoco para Benveniste (RODRIGUES, 2008). Com essa contraposição em mente é que se mergulha aqui na visão de Benveniste, com o intuito de, utilizando o pensamento desse linguista, refletir acerca do ensino de línguas.

Para Benveniste, a linguagem é o mecanismo social que opera a língua e o discurso. A linguagem é a própria cultura, e com ela se confunde. É na linguagem que o ser humano se

torna um ser social, ou seja, um ser humano. Segundo o estudioso, seria a linguagem a responsável pelo acréscimo social sobre a biologia humana, e, portanto, é parte de natureza humana, e responsável por fazer dessa espécie, uma espécie social. Sem a linguagem, o ser humano não existiria como tal. Assim se constitui a visão de Benveniste sobre a linguagem. Observem-se suas palavras:

> A linguagem está na natureza do homem, que não fabricou. Inclinamo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Na sua concepção, a linguagem tem a função de significar: "Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano." (BENVENISTE, 1989, P. 222). Significar é, pois, o caráter primordial da linguagem. Em "*Os níveis da análise linguística*", ensaio de 1964, Benveniste (2005) demonstra como as relações entre os elementos significantes do signo linguístico operam esse processo chamado de valoração, ou seja, o processo de constituição do significado. Já em "*A forma e o sentido na linguagem*", ensaio de 1966, Benveniste (1989) atribui esse processo de valoração às relações de segmentação, isso é, o encadeamento do enunciado cria uma relação semântica entre as palavras escolhidas pelo falante, o que resultará no sentido da frase.

Como dito acima, para Benveniste, a linguagem não avança absolutamente sobre aspectos não verbais, mas se restringe exclusivamente a esses aspectos. Por isso, Benveniste opõe os outros sistemas representativos à linguagem, como sendo de natureza distinta, ao contrário do que faz Saussure, que compara os demais sistemas representativos (a moda, as artes, o código de trânsito) à língua, dando a entender que esses sistemas integram de alguma maneira o "circuito da linguagem" (SAUSSURE, 2002). Benveniste afirma em "*Vista de olhos sobre o desenvolvimento da linguística*", ensaio de 1963: "A linguagem é o mais econômico dos simbolismos. Ao contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa" (BENVENISTE, 2005, p. 30),

referindo-se àqueles sistemas cuja representação não se dá por via verbal. Aliás, a sua discussão sobre esses sistemas expressivos não verbais é bastante rica, mas não implica no que ele chama de linguagem.

Para Benveniste, a natureza da linguagem é a oposição, para Saussure isso seria a natureza da língua, não da linguagem (FLORES, 2013). É daí que se alcança, segundo Benveniste, a significação, parte essencial da linguagem. É da oposição dos seus elementos constitutivos que a linguagem produz o significado:

> A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não veem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe que nos cumpre destacar. (BENVENISTE, 2005, P. 45; grifos do autor)

Se as coisas não significam por seu "*serem-isso*", então, o que são não importa, mas importa o que são em relação às outras coisas da mesma classe. Ou seja, a significação é o resultado não da coisa em si, mas de qualquer coisa oposta a outra. É da oposição que surge a significação. É na oposição que o significado reside, pois ele é fruto da relação entre as coisas. A ausência de significado se encontra nas coisas por si mesmas.

Ainda não se pode ver como a linguagem em Benveniste consiste na operação entre a língua e o discurso. Mas é preciso avançar para tanto. Em "*Tendências recentes em linguística geral*", ensaio de 1954, Benveniste afirma "A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado" (BENVENISTE, 2005, p. 17), ao que seria justo objetar se não está falando aí da língua, pois, de fato, está. É a língua a parte do sistema da linguagem responsável pela produção do significado, como se discutirá no tópico acerca do signo linguístico mais à frente. E é aí que se pode depreender uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste: *a linguagem presume a utilização da língua*. Isso é importante, justamente porque exclui a possibilidade de uma *linguagem não verbal*.

> Todo e qualquer modelo significativo que possamos construir, será aceito *na medida em que se parecer* em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem. Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de alguma coisa, como "significando" qualquer coisa, *é-se tentado a apelar para a linguagem; fala-se assim de linguagem para diversos tipos de atividades humanas*, todos o sabemos, de modo a instituir uma categoria comum aos mais variados modelos. (BENVENISTE, 1989, p. 223; grifos nossos).

Com os modalizadores "*na medida em que se parecer*", Benveniste, opondo a linguagem aos outros sistemas significativos, mantém-na como o único desses sistemas cuja função básica é significar. Os outros sistemas o fazem por "imitar" a linguagem, afirma. A música, a dança, a pintura, a moda, etc., podem se parecer com a linguagem, mas não são linguagem, sob a ótica de Benveniste. Segundo ele, seria por precipitação e por alguma falta de rigor o chamar de linguagem a esses modelos. Não lhes nega o poder significativo, mas expõem-lhes a incapacidade de significar como significa "a linguagem". Com a teoria de Saussure, isso seria chamado simplesmente de "a língua", pois ali é possível, não apenas separar a língua da linguagem (o que Benveniste também faz), mas, também, entender a língua, e apenas ela, como modelo significativo capaz de produzir o significado. Em Benveniste, a linguagem é a possibilidade de língua, mas, além disso, é a operação que faz com que a língua acione o discurso. Assim, esse linguista avança bastante em relação a seus antecessores. Então, afirma:

> Que a linguagem significa quer dizer *que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo* ou, numa medida mais ampla, *por uma outra atividade*; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. (BENVENISTE, 1989, p. 223, 224; grifos nossos).

A questão aqui implica nas relações simbólicas presentes nos diversos sistemas. A língua é um sistema simbólico, o que significa que se espera dela apenas que signifique. Ou seja, seu significado é internamente constituído pelo sistema. Já os sistemas chamados semi-simbólicos somente têm seu significado preenchido na leitura (FLOCH, 1995). Observe-se o que diz Benveniste:

> Mas ela tem também um outro caráter totalmente diferente, mas igualmente necessário *e presente em toda língua real*, ainda que subordinado ao primeiro, eu insisto: *o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos*, *que se organizam em palavras* dotadas de sentido. *É este duplo aspecto, inerente à linguagem, que é distintivo*. Diremos com Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos. É a noção de signo que, doravante, integra no estudo da língua a noção muito geral de significação. (BENVENISTE, 1989, p. 224; grifos nossos).

Então, como já se disse, uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste é justamente que *a linguagem presume a utilização da língua*. No trecho acima, é notório como ele atribui à linguagem o caráter de ser, *como "toda língua real"*, caracterizada por "*sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras*", ou seja, para ele, não há linguagem não verbal, não há, fora do uso da língua, linguagem alguma. E aí modaliza ao citar Saussure: "Diremos com Saussure, *a título de primeira aproximação*", ou seja, concorda com Saussure apenas em primeira aproximação. Portanto, a linguagem não opera além do verbal, isto é, da língua, e o que quer que permita se expressar de maneira não verbal não é linguagem para Benveniste.

Em "*Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*", ensaio de 1956, Benveniste afirma:

> Considera-o nos discursos que este lhe dirige, examina-o no seu comportamento locutório, "fabulador", e através desses discursos se configura lentamente para ele outros discursos que ele terá o encargo de explicitar, o do complexo sepultado no inconsciente. Da descoberta desse complexo depende o sucesso da cura, que testemunha, por sua vez, que a indução estava correta. Assim, do paciente ao analista e do analista ao paciente o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 2005, P. 82)

A palavra chave para a segunda parte do seu conceito de linguagem é "discurso". No trecho acima, Benveniste está falando acerca de como a relação entre o psicanalista seu psicanalisando se dá por intermédio da linguagem. Mas ele afirma que o que o psicanalista considera de seu paciente são, justamente, seus discursos, seu "comportamento locutório", sempre em busca dos discursos por trás dos discursos. Cumpre compreender que, com discurso, ele se refere ao que fala o psicanalisando. O psicanalista, então, busca esses discursos que se configuram lentamente a partir dos discursos enunciados. Daí, conforme Benveniste, viria a cura, pela elucidação desse complexo, diz ele. A questão aqui, contudo, é a

linguagem, e o que o trecho citado diz a respeito do conceito de linguagem para o linguista em estudo é que a linguagem é a operação linguística que faculta o discurso. O movimento, portanto, entre a língua e o discurso realizado pelo falante. A linguagem é a possibilidade de significar, "gerando" o discurso e o externando a partir da língua. Veja o que, no mesmo ensaio, diz Benveniste acerca da análise dos sonhos e da "linguagem" dita onírica presente neles:

> Acontece o mesmo com a lógica particular do sonho. Se caracterizamos o desenrolar do sonho pela liberdade total das suas associações e pela impossibilidade de admitir uma impossibilidade, é em primeiro lugar porque expomos e o analisamos nos quadros da linguagem, e porque o próprio da linguagem consiste em exprimir apenas o que é possível exprimir. Isto não é uma tautologia. Uma linguagem é, em primeiro lugar, uma categorização, uma criação de objetos e de relações entre esses objetos. Imaginar um estágio de linguagem, por mais "original" que se queira, mas apesar disso real e "histórico", em que um objeto seria *denominado* como sendo ele próprio e ao mesmo tempo qualquer outro, e em que a relação *expressa* seria a relação de contradição permanente _ a relação não relacionante _ em que tudo seria ele mesmo e outro que não ele _ portanto nem ele mesmo nem outro _ é imaginar uma pura quimera. (BENVENISTE, 2005, p. 89-90; grifos do autor)

Observe que, para ele, não há a possibilidade de linguagem sem que haja significação, no sentido final, da geração mesmo do sentido. Entendendo sentido aqui como a leitura que se possa fazer do enunciado. Ou seja, os sonhos não teriam uma linguagem, mas seriam apenas massa de pensamento desorganizado, sem uma forma que lhes dê sentido. Não que eles não possam vir a significar, porém, somente significarão a partir da narrativa que lhe imprime em discurso, à medida que o psicanalisando vai relatando isso a seu psicanalista, por exemplo.

Para concluir sobre seu conceito de linguagem, observe-se ainda o que diz em "*Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*", "...a linguagem se realiza necessariamente numa língua (...) Segue-se que os principais desses símbolos e a sua sintaxe não se separam. " (BENVENISTE, 2005, P.92). Isso equivale a dizer que a linguagem é o próprio uso da língua, mas não somente isso, ele afirma no mesmo ensaio, "[a linguagem] é *aprendida*, é coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se." (BENVENISTE, 2005, P.92; grifo do autor), ou seja, a linguagem permite que o ser humano exista como tal, inserido pela linguagem na sociedade e na história, operando discursos e sendo por eles falado. A linguagem opera no ser humano sua natureza de animal falante.

Para Benveniste, em princípio, a linguagem poderia se definir como o processo humano de significação, responsável pela operação discursiva, e, por conseguinte, pela criação do ser humano como tal, um animal de caráter social, capaz de exercitar o discurso, constituindo, por seu *modus vivendi*, a sociedade e a história, sempre por via da linguagem. A linguagem seria, pois, a própria operação da língua na constituição do ser humano, na produção discursiva, na formação da sociedade. Obtém-se, finalmente, o conceito de linguagem para Benveniste. A linguagem é a propriedade humana de constituir-se socialmente, mediante o discurso, por intermédio da língua, que é parte integrante da linguagem. É pela linguagem, portanto, que surgem a pessoa e o sujeito, pela construção da consciência humana. Do ponto de vista da fenomenologia abordada frequentemente por Benveniste, a linguagem seria a responsável pela consciência da própria consciência, mais que *cogito ergo sum*, seria *loquo ergo sum*. Dito isto, já se pode refletir sobre o ensino de línguas a partir da concepção de linguagem de Benveniste.

A problemática que se levanta daí não é propriamente uma novidade, porém, no Brasil, o ensino de língua materna tem sido pautado desde o surgimento da escola pelo modelo clássico de língua, isto é, aquele modelo baseado na premissa aristotélica do bem falar. Um modelo que elege a variante linguística das elites como "a maneira correta de falar", e que se desenha a partir da "boa literatura". Tudo estaria muito bem se não fosse isso um serviço de bandeja para a manutenção das elites no controle da sociedade. Então, faz-se necessário discorrer rapidamente sobre o problema da visão clássica das línguas.

Em primeiro lugar é preciso dizer que tanto Saussure quanto Benveniste condenaram a descrição linguística a partir do pensamento clássico. A gramática tradicional, produto que contempla essa descrição de uma língua a partir de excertos literários, transliterando o modelo greco-latino em toda a descrição, é veementemente repudiada pelos linguistas da virada do século, cujo trabalho visava olhar para a natureza das línguas e não para um modelo preconcebido destas. Esse movimento é manifesto por Saussure e também por Benveniste. Saussure dedica um capítulo inteiro do *Curso de Linguística Geral* para condenar a gramática tradicional. Já Benveniste faz repetidas críticas ao modelo tradicional, que olha para as línguas com uma visão pré-concebida pela tradição greco-latina de como sejam seu funcionamento. Esse modelo imprime em cada língua o formato da gramática grega.

Não se trata aqui de condenar o pensamento dos gregos antigos, propriamente, mas de repudiar a descrição na base tradicional. Se os antigos gregos fizeram grandes avanços sobre o

pensamento acerca da linguagem, isso não significa que seu pensamento seja melhor ou mais preciso que qualquer outros que se sigam na ordem da história das ideias linguísticas. O ensino tradicional de línguas é um anacronismo que em nada auxilia os estudantes. Isso já foi dito por diversos pesquisadores, Maria Helena de Moura Neves, cuja obra se dedica à gramática, fala sobre isso em *Gramática na escola*; Sírio Possenti brinda a sociedade linguística e os professores de línguas com seu *Porque [não] ensinar gramática na escola*, entre tantos outros trabalhos relevantes a respeito. Contudo, a gramática permanece firmemente defendida por inúmeros profissionais da área e por algumas áreas que se utilizam da linguagem como modo de produzir, como o jornalismo e a publicidade. Curiosamente, no campo do direito, parece que as coisas mudaram bastante, e aqueles profissionais já ultrapassaram o pensamento clássico na formação de seus estudantes.

A questão do classicismo no ensino de língua, além de manter o foco na gramática, seja ela descritiva, seja ela normativa, seja ela tradicional, mantém os estudantes no campo do que pode ser chamado o equívoco ontológico da tradição gramatical. O problema da origem desse pensamento é que se baseou no pensamento aristotélico de que quem falou bem foram os autores clássicos gregos (ARISTÓTELES, 2010), assim, a língua é descrita a partir de textos escritos. Acontece que, como conta a história, a linguagem sempre se deu por via oral, a escrita se compõe, historicamente, de um acessório do discurso, não de um acessório da língua. Ora, servindo-se do pensamento benvenistiano demonstrado acima, a escrita é expressão do discurso, muito embora a língua esteja presente, a operação é de linguagem e não apenas de língua. Se os gregos antigos não podiam verificar esse equívoco, manter o ensino pautado sobre ele é, no mínimo, um enorme desperdício de recursos.

Para perceber a distância que há entre a oralidade e a escrita, o estudante precisaria compreender melhor todos os mecanismos implicados nesse processo. Contudo, partir do ensino equivocado da gramática o impedirá de ver que a língua é apenas um aspecto da linguagem, fundamental, como diz Saussure e reafirma Benveniste, mas ainda assim, a linguagem não está completa na língua. O problema da tradição é aprofundado em um artigo específico, mas, neste, é necessário apontar este equívoco, uma vez que ele impede, em grande medida, o avanço e a transformação do ensino.

Partindo, então, de uma concepção de linguagem que, conforme afirma Benveniste, é a responsável pelo surgimento do ser humano tal qual é conhecido atualmente, o ensino de línguas extrapola em muito a língua em si. Aliás, seria mais apropriado falar em ensino de

linguagem, que ensino de línguas, afinal, o que é que o estudante deve desenvolver nesse quesito? Não seria sua habilidade discursiva? Ora, se a linguagem é a responsável pela formação do humano nos seres humanos, se é pela linguagem que o ser humano toma consciência de sua própria consciência e subjetividade, então, não seria por outro caminho o desenvolvimento a ser adquirido na escola.

O simples conhecimento do circuito da linguagem como formador dos seres humanos, das sociedades, das instituições, associado ao conhecimento de história, pode impulsionar os estudantes a ocupar uma posição mais ativa no discurso. Há uma luta inglória em despertar o interesse dos estudantes para a leitura, mas, sistematicamente, o ensino mais faz por deixar no estudante a sensação de incapacidade e de que o estudo é maçante. Somente por acidente a escola consegue obter resultados positivos nessa direção, pois, o essencial para o ensino não é essencial para o estudante. Inserir-se no circuito da linguagem, colocando a língua em seu lugar, focando a escrita com a devida distinção da língua, e mostrando como tudo isso está a serviço do discurso, estabelecendo as relações do discurso com as ideologias e, finalmente, permitindo que o estudante se situe nesse circuito, percebendo sua própria subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um século depois que Saussure definiu a língua, discernindo um fato cultural da maior importância para que, durante o século passado, as ciências da linguagem se desenvolvessem de forma progressiva, gerando um tal volume de conhecimento sobre esses fatos sociais implicados na linguagem, como jamais ocorreu antes na história da humanidade. Se a língua for tomada como o que ela é, assim como a linguagem pelo seu real alcance, além de todos os demais objetos das ciências da linguagem, hoje já bem conhecidos, o ensino não precisará mais se pautar em normas caducas, que desconsideram realidades conhecidas sobre esse aspecto fundamental da cultura. Não é preciso temer a fragmentação da língua, a sua mudança tão rápida que a língua portuguesa se perderia completamente, como chegam a afirmar alguns. A língua é por si mesma um conjunto de regras capaz de produzir significados mais ou menos comuns aos falantes. Ela tem esse princípio e esse objetivo como produto cultural, o de promover a interação pela produção de significados e, exatamente por isso, ela não corre o

risco de se perder, ou de se tornar "uma bagunça". Poder-se-ia mesmo dizer que a língua é à prova de bagunça, muito embora, seja uma mostra da diversidade cultural, da pluralidade de uma sociedade, e da riqueza de sua cultura.

Ao invés de ensinar um único registro da língua, com todas as distorções próprias do pensamento clássico, seria muito rico e enriquecedor, caso se ensinasse o que a língua realmente é, um conjunto de variedades que representam, cada variedade por si, a cultura de um dado grupo dentro da sociedade maior, no caso, o Brasil. Ou, indo além, os países lusófonos. Sem normas outras que não as da língua, seria possível ver nos textos escritos a manifestação livre da língua, na linguagem de cada grupo, sem o fetiche maniqueísta do certo e do errado.

Ao contrário, o ensino pode e deveria se pautar pelo conhecimento que já se produziu sobre a linguagem, sobre as línguas, sobre o discurso, sobre as ideologias e como essas são dispersas pelos discursos. Não mais parece absurdo dizer que já se pode conhecer a origem dos pensamentos humanos, e compreender sua estrutura social, isto é, como o ser humano é uma composição social resultante de sua vivência em sociedade e da dispersão dos discursos via linguagem. Mostrar isso aos alunos e às alunas não deveria ser motivo de escândalo, mas tão natural quanto educar para o sexo, para o trânsito, para a cidadania.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. ***A poética clássica*** / Aristoteles, Horácio, Longino. Sao Paulo: Cultrix, 2010. (114 p.)

BENVENISTE, Émile. ***Problemas de linguística geral I***. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005. 387 p.

_____. ***Problemas de linguística geral II***. Campinas: Pontes, 1989. 294 p.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. ***Estrutura da língua portuguesa***.21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 124 p.

NEVES, Maria Helena de Moura. ***Gramática na escola***. São Paulo: Contexto, 2001. 69 p.

POSSENTI, Sírio. ***Por que (não) ensinar gramática na escola***. Campinas: Mercado de Letras, 2012. 95 p.

RODRIGUES, R. S. V. ***A constituição dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica***. 2007. 102 f.: il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. ***Curso de lingüística geral***. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002. 279 p.